

Bodes Expiatórios

Raul Pilla

AS declarações feitas ao rádio, pelo coronel José Alberto Bittencourt, diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, não podem considerar-se com simplicidade. São o sintoma, mais um sintoma, da gravidade da situação nacional. Não se pode reduzir o caso a uma manifestação de indisciplina, punível, ou não, de acôrdo com a disposição ou os interesses dos chefes. Pode-se afirmar que o conceito de disciplina, se não desapareceu, tornou-se, pelo menos, muito elástico.

E', portanto, quase pueril insistir neste aspecto da questão. Convém deixar de parte a condição especial do declarante — militar sujeito à disciplina militar — para considerar mais fundamentamente as suas declarações.

Há nelas a ameaça de uma terceira subversão da ordem constitucional, pior do que as anteriores. Também isto não é o que mais me impressiona. Um golpe mais, um golpe menos, ficaremos sempre dentro do sistema, que, não devemos esquecer, é o latino-americano...

O que realmente merece atenta reflexão de parte dos responsáveis pela coisa pública, dado que pessoas responsáveis haja ainda neste país, é o insuspeito reconhecimento da persistência da múltipla crise em que se debate o país. As duas primeiras datas (para usar o eufemismo do entrevistado) foram inúteis; marcharemos, por conseguinte, «para uma terceira data, pior talvez que as duas anteriores...»

Mas, de quem é a culpa desta falência? Até aqui concordes com o coronel Alberto Bittencourt, pois a situação pintada aí está visível e palpável, dêle não podemos deixar de discordar quando procura responder à questão. Do atual govêrno, isto é, do govêrno instituído pela segunda data, não é a culpa, segundo afirma: o atual govêrno mantém-se «dentro de seus princípios sadios, na sua campanha de honestidade e dignidade». A culpa exclusiva da triste e calamitosa situação a que chegamos, é dos partidos, que têm esquecido as duas grandes datas recentes, por todos praticamente vividas: 24 de agosto e 11 de novembro.

Não pretendo exculpar os partidos. Mais de uma vez lhes fiz acres censuras. Mas absolver o govêrno, num regime como o nosso, em que o govêrno pode tudo e é a única força real (além da força armada, naturalmente), absolver o govêrno e tudo lançar às costas dos partidos, antes ficção legal, do que realidade política, é tão paradoxal, que desde logo surge a desconfiança de que o entrevistado, não podendo levar mais longe a análise, resolveu, simplesmente, dos partidos fazer bodes expiatórios.

Por ora, basta consignar a insuspeita confissão da gravidade da situação nacional, feita por um militar, que, afinal, é membro do govêrno...